

# ANDREA RICCARDI

Projecto: Caminhos da Paz

Italiano

**Andrea Riccardi (Roma, 16 de Janeiro de 1950) é um historiador, professor, político e activista italiano, fundador da Comunidade de Sant'Egidio<sup>1</sup>. Serviu como Ministro da Cooperação Internacional sem pasta no Governo de Monti<sup>2</sup>.**

**Andrea Riccardi é também membro da comissão de honra da Fondation Chirac desde que a fundação foi lançada em 2008 pelo ex-presidente francês Jacques Chirac para promover a paz mundial. Foi um dos negociadores do Acordo de Paz, em Roma.**

## **P.: Moçambique tem uma longa relação com a Itália [...] Como chega a Moçambique?**

AR: Cheguei uma vez num pequeno avião a Moçambique e um carro veio-me buscar. O motorista perguntou-me de onde eu era e eu disse: “*Da Itália.*” Ele diz-me: “*Itália... na Europa?* Eu disse: “*Sim, é na Europa.*” Então, ele disse-me: “*Sim, Itália. Conheço a Itália, conheço três cidades da Itália. A primeira é Reggio Emilia, que nos ajudou na luta de libertação, a segunda é Roma, onde está o Santo Padre, e a terceira é Sant'Egidio, onde aqueles loucos que fizeram a guerra fizeram a Paz.*” Então, em Moçambique, a Itália é famosa por três coisas: a Paz = Santo Egidio, o Papa = Roma, e Reggio Emilia = a luta pela libertação.

Acredito que o percurso da História italiana com Moçambique é muito importante. Eu conheço, sobretudo, a dos anos 80, uma História de solidariedade para com a luta de libertação da FRELIMO, depois um empenho num Moçambique independente, país difícil e complexo, um empenho que foi particularmente do Partido Comunista, que era muito próximo da FRELIMO. Aqui tenho que recordar um episódio.

Moçambique independente viu-se num momento muito difícil em relação à liberdade religiosa. Eu era muito amigo do Bispo de Beira, Gonçalves<sup>3</sup>. Lembro-me que ele se questionava sobre como fazer para aumentar a liberdade religiosa em Moçambique. Eu organizei um encontro com Enrico Berlinguer<sup>4</sup> em Sant'Egidio no qual o Bispo lhe explicou as dificuldades na relação com o Governo e Enrico Berlinguer disse que era um absurdo querer fazer uma política de

---

<sup>1</sup> A Comunidade de **Sant'Egidio** é uma organização católica fundada em 1968 no bairro de Trastevere, em Roma, Itália, dedicada à caridade, evangelização e promoção da paz.

<sup>2</sup> **Mario Monti** (Varese, 19 de Março de 1943) é um economista e político italiano, Primeiro-ministro de seu país, de 2011 a 2013. Foi comissário europeu durante dois mandatos consecutivos e reitor e presidente da Universidade Luigi Bocconi. Em 2011, a meio da Crise do Euro, foi eleito Presidente do Conselho de Ministros, tendo sido nomeado antes disso, senador vitalício no Senado italiano. É o sucessor de Silvio Berlusconi.

<sup>3</sup> **Dom Jaime Gonçalves**, (Nova Sofala, 26 de Novembro de 1938 - 6 de Abril de 2016) arcebispo Emérito da Beira, Depois dos estudos primários ingressou no Seminário de Zóbué, em Tete. Posteriormente frequentou os Seminários Maiores de Namaacha e Malhangalene, em Maputo, onde estudou a filosofia e teologia. Trabalhou pela Paz em Moçambique, em nome da Conferência Episcopal de Moçambique e do Vaticano, de 1985 a 1992.

<sup>4</sup> Enrico Berlinguer (Sássari, Itália, 25 de Maio de 1922 — Pádua, Itália, 11 de Junho de 1984) foi um político italiano e secretário-geral do Partido Comunista Italiano (PCI) de 1972 até sua morte.

ateísmo, num país que tem animismo, era estranha como ideia. Enrico Berlinguer, através do PC, interveio junto dos companheiros moçambicanos. Mas são tantas histórias...

Sant'Egídio tem uma história de solidariedade com Moçambique. Mas depois dei-me conta, junto com Matteo Zuppi<sup>5</sup>, que havia uma coisa que faltava, a paz e que as pessoas queriam a paz. Lembro-me de fazer uma intervenção forte no congresso da FRELIMO, não me lembro exactamente quando aconteceu isso, talvez 1988 ou 89, mas eu disse: *“Falta-vos a paz”*. Houve um momento de aplauso impressionante. Havia uma demanda por paz, mas ao mesmo tempo uma incapacidade de fazer a paz.

É preciso entender a realidade de Moçambique daquela época, porque é preciso que sejamos históricos e objectivos. Senão corre-se o risco de manipular a História. Morozzo della Rocca<sup>6</sup> escreveu um belíssimo livro documentado sobre essa história. Porque essa história é difícil para todos. É difícil para a RENAMO, para a FRELIMO, para o povo moçambicano e também para a comunidade internacional. Havia uma espécie de renúncia. Dizia-se que aquela era uma guerra por procuração. Na realidade havia raízes moçambicanas naquela guerra que deviam ser trabalhadas.

Havia um discurso de liberdade religiosa nas novas relações entre o Estado e a Igreja. Houve um encontro muito importante entre o Ministro Cabaço<sup>7</sup> e o Monsenhor Silvestrini<sup>8</sup>, que foi realizado em Sant'Egídio. Naquele encontro trabalhámos muito, porque pensávamos que ali havia uma espécie de rigidez ideológica por parte de Moçambique. Por parte da Igreja havia a velha tradição colonial, porque a Igreja Católica portuguesa era aliada ao colonialismo.

Tanto que no momento da independência muitos foram embora. Diz-se que as freiras ficaram assustadas, porque havia boatos de uma nacionalização das freiras. Então, ficaram assustadas e foram embora. A Igreja, controlada pelos portugueses, identificava-se bastante com a causa portuguesa. Não todos porém, porque por exemplo, Sebastião de Resende<sup>9</sup>, bispo de Beira, e missionários como padre Bianchi, estavam do lado da causa moçambicana.

Então, era preciso retornar ao diálogo. O encontro em Sant'Egídio, entre Silvestrini e Cabaço, foi particularmente importante. Cabaço falava muito bem italiano, o seu português o fazia parecer de Vêneto e quando os apresentei, Silvestrini me chamou de lado e disse-me: *“Andrea você está brincando? É impossível, ele é italiano, você está inventando que ele é um interlocutor, não é africano.”* Então eu expliquei-lhe essa componente portuguesa que

---

<sup>5</sup> **Dom Matteo Maria Zuppi** (Roma, Itália 11 de Outubro de 1950), é um padre católico italiano da comunidade de Sant'Egídio actualmente arcebispo da arquidiocese de Bolonha.

<sup>6</sup> **Roberto Morozzo della Rocca** (1955) ensina História Contemporânea na Universidade de Roma Tre. Ele é um estudioso da relação histórica entre nações e religiões, bem como entre o mundo do sagrado e da modernidade, temas sobre os quais ele publicou vários livros.

<sup>7</sup> **José Luís Cabaço** (Maputo, 10 de Agosto de 1941) licenciado em Ciências Sociais pela Università degli Studi di Trento, Itália em 1971 e Doutorado em Antropologia Social, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil, em 2007, foi jornalista, militante da FRELIMO na clandestinidade e Ministro de Informação e dos Transportes no Moçambique pós- Independência.

<sup>8</sup> **Achilles Silvestrini** (Brisighella, 25 de Outubro de 1923) é um Cardeal, Arcebispo Católico e diplomata Italiano, ao serviço da Santa Sé, actualmente Prefeito Emérito da Congregação para Igrejas Orientais. Foi Subsecretário e depois Secretário do Conselho de Assuntos Públicos da Igreja, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, Prefeito da Congregação para Igrejas Orientais e Grande Chanceler do Pontifício Instituto Oriental

<sup>9</sup> **Dom Sebastião Soares de Resende** (Milheirós de Poiares (Santa Maria da Feira), 14 de Julho de 1906 – 25 de Janeiro de 1967) Doutorado em Filosofia e licenciado em Teologia, frequentou o Instituto de Ciências Sociais de Bérgamo. Em 1943, foi escolhido para 1º bispo da Beira, Moçambique. Como homem de letras marcou posição de relevo entre os representantes do Episcopado português através das diversas intervenções durante o Concílio do Vaticano II. Escreveu vários livros.

participava na FRELIMO. Cabaço dizia sempre que a verdadeira resposta ao racismo era haver indianos, brancos e africanos no mesmo Governo. Era uma ideia de Samora<sup>10</sup>.

A conversação conduziu-se bem porque Silvestrini disse: *“Nós não queremos as propriedades, porque se reconstroem, nós queremos liberdade.”* Essa era a sua ideia que o Vaticano começou a negociar. Mais tarde, houve um encontro entre Cabaço e o Secretário de Estado Casaroli<sup>11</sup>.

Mas uma coisa importante foi a visita de Samora Machel, antes de 1986, ao Papa João Paulo II<sup>12</sup>. Visita que não foi realizada em outra altura, porque havia um equívoco. Talvez Samora tenha pensado que o Papa tinha que convidá-lo, tinha pensado que teria que prestar actos de homenagem diante do Papa, como beijar-lhe a mão e coisas assim. A praxe do Vaticano é que não pede para receber visitas de Chefes de Estado que estão de passagem por Roma e Samora era reticente. Assim, combinámos com Silvestrini e Cabaço que Silvestrini comunicaria a vontade de uma visita de Moçambique ao Vaticano e Cabaço a vontade do Vaticano de um convite. Era um equívoco quanto à forma, mas na realidade havia uma vontade de se encontrarem.

Quem era Samora Machel para João Paulo II? Ele foi apresentado como um líder comunista. João Paulo II era uma figura que não brincava com comunistas, como me disse uma vez: *“Conheço poucas coisas, mas quando se trata de comunistas eu conheço muito bem.”*

Mas o que me impressionou foi que tenha dado tudo certo com o encontro de João Paulo II com Samora. Eu soube directamente de Wojtyła a sua opinião sobre Samora. Tal opinião foi muito interessante, porque dizia: *“Samora não é um comunista, é um nacionalista.”* Silvestrini dizia que o marxismo é uma cartilha das novas classes dirigentes africanas, porque precisam de uma ideologia, de uma ética. Substancialmente não podem aceitar uma ideologia ocidental liberal. Essa era a análise que o Vaticano fazia de modo muito directo.

Samora fez-me rir, porque o encontrei uma vez e me disse: *“Eu não sou ateu como Marcelino<sup>13</sup>.”* Estava muito contente pelo encontro que teve com essa figura carismática que era João Paulo II.

Assim, as relações melhoraram e os amigos da FRELIMO começaram a reconhecer a ajuda que Sant’Egídio deu, nessa altura. Isso era muito importante e era acompanhado, também, com grande atenção pelo Ministro Andreotti<sup>14</sup>. Ele era muito atento a Moçambique. Lembro-me que durante a minha primeira viagem a Moçambique, no início dos anos 80, ele me falou de

---

<sup>10</sup> **Samora Moisés Machel** (Chilembene, Gaza, 29 de Setembro de 1933 — Muzimbo, Montes Libombos, 19 de Outubro de 1986) Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique liderou a Guerra da Independência de Moçambique como Presidente da FRELIMO e tornou-se o seu primeiro Presidente da República após a sua independência.

<sup>11</sup> **Agostino Casaroli** (Castel San Giovanni, 24 de Novembro de 1914 - Roma, 9 de Junho de 1998) foi um cardeal italiano da Igreja Católica Romana. Foi Secretário de Estado do Vaticano de 1979 até 1990.

<sup>12</sup> **João Paulo II** nascido Karol Józef Wojtyła e, desde 2014, São João Paulo II (Wadowice, 18 de Maio de 1920 — Vaticano, 2 de Abril de 2005), foi o Papa e chefe da Igreja Católica de 16 de Outubro de 1978 até a data de sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, liderando por 26 anos, 5 meses e 17 dias, depois dos papas São Pedro, cujo pontificado durou cerca de 37 anos, e Pio IX, que liderou por 31 anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Adriano VI, em 1522.

<sup>13</sup> **Marcelino dos Santos** (Lumbo, 20 de Maio de 1929 - 11 de Fevereiro de 2020) foi um político e poeta moçambicano. Foi membro fundador da Frente de Libertação de Moçambique, onde chegou a vice-presidente. Depois da independência de Moçambique, é o primeiro ministro da Planificação e Desenvolvimento, cargo que deixou em 1977 com a constituição do primeiro parlamento do país (nessa altura designado “Assembleia Popular”), do qual foi presidente até à realização das primeiras eleições multipartidárias, em 1994.

<sup>14</sup> **Giulio Andreotti** (Roma, 14 de Janeiro de 1919 — Roma, 6 de Maio de 2013) foi um Líder do Partido Democrata-Cristão Italiano e foi Primeiro-ministro nos períodos de 1972-1973, 1976-1979 e 1989-1992. Desde 1991 era senador vitalício, por nomeação presidencial.

Chissano<sup>15</sup> que eu ainda não conhecia. Disse-me: “*Chissano é jovem, mas talvez seja um dos melhores diplomatas de África, vai falar com ele.*” De facto, tive o primeiro encontro com Chissano, quando estive lá, e com Monteiro<sup>16</sup>, depois com o Ministro do Comércio Aranda da Silva<sup>17</sup> e também com Guebuza<sup>18</sup>. Entrei nesse mundo particular que era o mundo da classe dirigente Moçambicana que, inclusive, se encontrava progressivamente sitiada nas cidades pela RENAMO que não se sabia até então do que se tratava, o que estava por trás da RENAMO.

**P.: Considerando que havia esse preconceito com a igreja por causa dos problemas que tinham acontecido e por se tratar de um país marxista como explica que a Itália se tenha tornado o parceiro mais importante do Moçambique nessa altura?**

AR: É preciso entender que a cooperação italiana era uma cooperação que tinha duas culturas como motor. Uma era a comunista e a outra católica. Havia um interesse dos comunistas italianos em Moçambique e havia um interesse dos católicos de Sant’Egídio em Moçambique.

Para nós, Moçambique era um país importante, pela sua posição geográfica, pela sua história. Convencemo-nos de que a situação moçambicana era mais promissora do que a angolana, do ponto de vista político. Mas era desesperante. Lembro-me das visitas que fazia a Maputo: O grande mercado de Maputo estava vazio, tinha só peixe seco. Se quiséssemos comprar alguma coisa tinha que se ir até à Loja Franca, o que era uma coisa que impressionava, porque viam-se saindo funcionários de Embaixadas, ou pessoal do partido, com esses garotinhos que levavam as compras até ao carro e lhes davam um maçã. Então, havia fome, uma miséria incrível naquele período. Moçambique era um país que teve que recomeçar do zero e não teve tempo de respirar, porque logo em seguida estourou a guerra civil.

**P.: Houve também uma procura por iniciar uma conversa com a RENAMO que termina com a visita do Dhlakama<sup>19</sup> aqui e com o pedido oficial para entrarem nas negociações, não é assim?**

---

<sup>15</sup> **Joaquim Alberto Chissano** (Malehice, Chibuto, Gaza, 22 de Outubro de 1939) é um político Moçambicano, veterano da luta armada da Frelimo, foi primeiro-ministro do Governo de Transição e depois da proclamação da independência de Moçambique é nomeado ministro dos Negócios Estrangeiros. Foi o segundo presidente de Moçambique de 1986 a 2005.

<sup>16</sup> **José Óscar Monteiro** (Maputo, 1941) – Advogado, veterano da luta armada da Frelimo, foi representante da Frelimo na Argélia, participou nas negociações secretas com o Governo Português que conduziram ao Acordo de Lusaka e foi Ministro no Governo de Transição e no primeiro Governo de Moçambique Independente.

<sup>17</sup> **Manuel Jorge Aranda da Silva**, economista, entre 1975 e 1978 foi Director do Gabinete do Ministro da Administração Interna responsável pela criação do Sistema da Administração Civil e do Governo Local em Moçambique. Entre 1980/89 foi Ministro do Comércio, Indústria Ligeira e Turismo Foi um dos 3 ministros que lideraram o Programa de Ajustamento Económico em Moçambique, em colaboração com o Banco Mundial e o FMI. Em 1989 iniciou uma prolongada carreira no PMA - Programa Mundial de Alimentos da ONU, actualmente reformado.

<sup>18</sup> **Armando Emílio Guebuza** (Murrupula, Nampula, 20 de Janeiro de 1943) foi Presidente de Moçambique entre 2005 a 2015. Juntou-se à FRELIMO em 1963. No Governo de Transição (1974-1975), Guebuza ocupou a pasta da Administração Interna e no primeiro Governo de Moçambique independente a pasta de Ministro do Interior. Foi o Chefe da Delegação do Governo às negociações com a Renamo, em Roma, quando era Ministro dos Transportes. Depois de assinado o AGP – Acordo Geral de Paz, foi nomeado chefe da delegação do governo na Comissão de Supervisão e Implementação do AGP para Moçambique.

<sup>19</sup> **Afonso Macacho Marceta Dhlakama** (Mangunda, Sofala, 1 de Janeiro de 1953 — Gorongosa, 3 de Maio de 2018) foi um político e militar líder da RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), o principal partido político da oposição em Moçambique.

AR: A RENAMO era um mistério, dizia-se que tinha por trás portugueses, sul-africanos. Embora com o Acordo de Nkomati<sup>20</sup>, a presença sul-africana tenha enfraquecido, mesmo assim havia donativos importantes dos sul-africanos, como o sistema de rádio, etc. O que acontece com a RENAMO? Acontece que perceberam que não podiam vencer e, portanto, procuraram uma saída.

Há uma visita à Gorongosa, de alguns enviados, um início de conversações e depois uma visita de Dhlakama a Roma. Não era fácil naquele momento, fazer entrar na Itália pessoas como as que vinham da RENAMO. As conversas com Dhlakama foram muito importantes. Eu lembro-me delas num restaurante em Monte Mario, como lembro também do medo dos da RENAMO, quando estávamos no jardim de Sant’Egídio e um helicóptero passa sobre nós. Eles dizem: “*O que está acontecendo?*” Eu digo: “*Não se preocupem, os helicópteros passam frequentemente por aqui.*” Quero dizer, eram pessoas que tinham uma lógica de guerrilha. Temos que dizer que para a RENAMO as negociações foram a grande passagem da luta armada à luta política. Essa é a grande mudança, mas as negociações foram uma escola para todos, porque o governo da FRELIMO na mesa das negociações passou para uma situação multipartidária também. É verdade que a situação já estava mudando, mas aceitou como interlocutor a RENAMO e esse foi um factor incrível, muito importante.

**P.: Quando começaram as conversações fez um discurso que também é famoso: “*Passemos a guardar aquilo que nos une e deitemos fora aquilo que nos divide*” ...**

AR: Para mim é a minha máxima, é uma política que usamos. Você conhece, porque é de Moçambique, o ódio que dividia as duas partes. Para a RENAMO aquele não era um governo legítimo, para a FRELIMO os outros eram bandidos armados. Então havia um abismo. Havia o risco na mesa de negociações de que um dissesse que você matou aquele, você matou aquele outro, vocês fizeram isso... Portanto, que se transformasse num processo de acusações.

O que era preciso encontrar? A identidade moçambicana e entender que se podia construir um Moçambique novo. Esse era o factor chave. Mas não foi fácil. Em muitos momentos eles estavam em salas separadas e era preciso ir para lá e para cá, entre as duas partes. Mas a nossa ideia, o nosso ideal era buscar aquilo que une, e colocar de lado aquilo que nos divide.

**P.: Durante o processo das conversações podemos dizer que Andrea Riccardi esteve um pouco como reserva dos mediadores, porque o trabalho do dia-a-dia era feito principalmente por Dom Zuppi e Dom Jaime. Foi esse o papel que guardou para si próprio?**

AR: É preciso dizer que, na minha opinião, os 4 mediadores tinham funções diferentes. Dom Jaime foi uma garantia para a RENAMO, porque a RENAMO não confiava. Dom Jaime era

---

<sup>20</sup> O **Acordo de Nkomati** foi assinado em 1984 entre o Governo de Moçambique, liderado pelo Marechal Samora Moisés Machel, Presidente da República Popular de Moçambique, e pelo Presidente da África do Sul, Pieter Willem Botha. Este acordo tinha por intenção pôr termo à guerra civil em Moçambique. Para tal, os signatários do dito acordo concordaram em: (1) Deixar de apoiar a RENAMO (responsabilidade da África do Sul); (2) Deixar de apoiar o ANC (responsabilidade de Moçambique). Apesar disto, cada parte continuou a agir por conta própria, e os guerrilheiros da RENAMO prosseguiram com a guerra civil em Moçambique até que em 1992 foi assinado o Acordo Geral de Paz, em Roma, apoiado pela Comunidade de Santo Egídio.

de Sofala, de Búzi. Então, quem conhece a geografia, conhece a origem de Dhlakama. Portanto, Dom Jaime era uma garantia. Ele entendia as razões daquele mundo, porque aquele mundo era portador de uma rebelião Centro-Norte, do mundo dos reguladores, dos religiosos, etc..

Matteo Zuppi fez um trabalho muito eficaz de mediação, dia após dia. O senador Raffaelli fez um trabalho muito importante, principalmente, na parte jurídica.

Eu estive sempre presente, mas fiz um trabalho de contacto a outro nível. Estava sempre ali presente e intervinha em determinados momentos. Todos nós trabalhámos muito. Trabalhámos de graça, desde manhã até à noite.

Creio que aquela é uma Paz que foi feita com uns poucos milhões, ou seja, foi uma coisa incrível. Foi feita por trabalho voluntário, também com o apoio de alguns amigos de Sant'Egídio, que estavam por ali e que faziam também trabalhos técnicos. Isso sempre me impressionou. Porque a solução romana, esse grupo romano foi um grupo original e eficaz.

**P.: Pensa que essa fórmula romana foi o segredo do sucesso?**

AR: Penso que sim, porque tivemos o Governo, Sant'Egídio (que naquele período era chamado de ONU de Trastevere) e depois tivemos a capacidade de levar ao redor dessa mesa, uma mesa muito particular, diria até que era uma mesa carismática, os grandes países do mundo. Os EUA participaram de modo muito activo e, em particular, quero recordar Hume<sup>21</sup>. Participaram a França, UK e Portugal. A ONU estava presente, todos enviaram observadores.

Esse foi um processo muito importante, porque o risco era que se criassem alternativas que pudessem resultar numa perda de tempo. Todavia, foram precisos mais de dois anos e havia muita impaciência, por parte dos países estrangeiros. Lembro-me que o *Le Monde* escrevia que as negociações eram lentas e os negociadores comem em restaurantes romanos. Não se entendia. Isso expliquei também aos americanos, porque não se entendia que era preciso tempo, até mesmo para amadurecer a mentalidade da guerrilha sobretudo, mas também do Governo. Isso não entendiam muito bem.

Eu lembro-me uma vez, por exemplo, que os missionários atiraram para a mesa assinaturas que provinham de muitos lugares de Moçambique, mas também da Beira e um da FRELIMO encontrou a assinatura de seu pai, assinaturas essas que pediam a Paz imediatamente. Porque enquanto em Roma se negociava, em Moçambique combatia-se. O primeiro sinal no terreno foram os corredores.

**P.: Mas há um determinado momento, considerando Nairóbi que antecedeu o processo de Roma, houve algum momento de tentar puxar as conversações para um cenário africano?**

AR: Nunca houve essa hipótese. O cenário de Nairóbi foi um dos tantos cenários anteriores, mas eu não colocaria tanta ênfase. A verdadeira negociação começou em Roma.

---

<sup>21</sup> Cameron R. Hume é membro do Serviço de Relações Exteriores do EUA. Serviu como Embaixador na Itália, Tunísia, Síria, Líbano, Nações Unidas e Santa Sé. Mais recentemente, serviu como Embaixador na Argélia e na África do Sul e como Encarregado de Negócios para o Sudão e Embaixador na Indonésia. Ele publicou três livros e numerosos artigos sobre política externa

Houve um momento no qual se pensou que o Malawi poderia oferecer uma saída numa fase final. Mas eu nessa negociação aprendi uma coisa fundamental: O trem tem que caminhar sobre os trilhos. Isso aprendi defendendo as negociações em Roma, mas também vendo outras negociações, porque quando se muda a mesa, perde-se tempo.

Penso que a história de Nairóbi é uma história preliminar, mas há muitas preliminares, de menor importância. Mas houve um momento, no papel do Malawi que tinha uma função importante para a RENAMO. Depois houve a intervenção de Mugabe<sup>22</sup> que veio posteriormente a Roma.

**P.: Mas antes de Mugabe vir a Roma houve uma tentativa de fazer encontrar os dois presidentes em Gaborone, e portanto de ser quase uma mudança de cenário...**

AR: Sim, houve isso, talvez tenha sido uma tentativa que falhou, mas que também tenha chegado perto do sucesso.

**P.: Ainda sobre o processo de conversações, quase no final os 4 mediadores enviam uma carta a Dhlakama, porque ele não queria vir a Roma, dizendo para ele vir, porque toda a comunidade internacional estava aqui. Pode descrever como foi esse momento?**

AR: Foi um momento importante, um momento que tinha que envolver Dhlakama. Foi significativo, mas os momentos de crise foram muitos, alguns conhecidos, outros menos.

No final das contas, fomos assinar no dia 4 de Outubro por uma dificuldade que apareceu no último momento. O Ministro das Relações Exteriores Sul-africano estava já em Roma, estava conversando com um diplomata do Vaticano sobre o seu cepticismo, quando chega o aviso de que não se assina no dia 2, mas sim no dia 4.

Portanto, a força desse processo é que foi um processo extremamente conciliativo. Ou seja, mudou a mentalidade das partes. Para mim o dia 4 de Outubro é uma data importante. Digo sempre a colegas moçambicanos que essa é a data de fundação da identidade nacional. Antes de tudo é uma mensagem de Paz para as novas gerações. Depois é uma mensagem para a identidade moçambicana, como identidade de todos, daqueles que fizeram a guerra de libertação, daqueles que não a fizeram, daqueles que se sentiram excluídos.

Depois há um factor muito importante. A RENAMO tinha críticas pesadas contra o Governo, o Governo tinha acusações pesadas e documentadas em relação à RENAMO. Mas depois disso passou-se à amnistia. Isso é um facto interessante. Não houve um processo internacional para uma e para a outra parte. Mas aquilo que me impressionou foi que o povo moçambicano tinha tanta vontade de Paz que não houve vinganças. Poderiam ter acontecido, porque todos tinham sofrido, todos tinham perdido entes queridos na guerra, todos tinham os seus crimes. Claro que depois precisaria ver-se de quem é a responsabilidade, porque eu não a conheço. Mas não houve vingança, e o que isto representa? Quer dizer que a Paz chegou, não como uma coisa imposta

---

<sup>22</sup> **Robert Gabriel Mugabe** (Salisbúria, 21 de Fevereiro de 1924 – Singapura, 6 de Setembro de 2019) foi um político que serviu como presidente do Zimbabwe de 1987 a 2017. Teve um papel de liderança na Guerra Civil da Rodésia à frente da União Nacional Africana do Zimbabwe, comandando o país após a guerra, inicialmente como primeiro-ministro, de 1980 a 1987, e depois como presidente com poderes executivos totais até Novembro de 2017, quando foi derrubado por militares.

de fora, mas como uma maturação diplomática de alguma coisa que estava amadurecendo no povo moçambicano.

**P.: No seu seguimento pessoal deste processo, queria saber qual foi o momento mais feliz e o momento mais difícil no processo de paz? Para si o que representou o processo de paz?**

AR: Momentos difíceis não saberia dizer, porque foram muitos, ligados a situações concretas, à situação internacional, ao humor, à desconfiança, eram muitas vezes tempestades que chegavam em céu sereno.

Depois Morozzo pode reconstruí-las. Até mesmo porque ele tem muitos papéis à sua disposição, mesmo documentos confidenciais. Mas momentos felizes foram dois, o primeiro, a assinatura do primeiro acordo, embora teórico era importantíssimo para que as duas partes começassem a se reconhecer como parte de uma mesma nação. Quando se coloca a primeira assinatura entende-se que a paz é possível.

Depois no último dia, o acordo final que foi um momento grandíssimo e solene, no qual o presidente Chissano declarou que o País permaneceria fiel ao método democrático e o presidente Dhlakama declarou que não se voltaria mais para a guerrilha. Assim foi.

Por isso digo que ali nasceu o novo Moçambique. Por isso, o 4 de Outubro é uma data importante que os moçambicanos não podem esquecer. De um ponto de vista pessoal significou que para ajudar na Paz não é preciso muito dinheiro e ter uma grande estrutura diplomática. Torna as coisas mais difíceis. Porque é uma realidade, essa pequena equipa, Raffaelli, Zuppi, Riccardi e Jaime, com o apoio da Itália, conseguiu com um poder ligeiro realizar algo que a diplomacia considerava impossível. A força dessa experiência - e isso foi o que ficou em mim - na paixão pela Paz e numa dedicação gratuita a esse trabalho. Eu penso que aqui é que estava a força. Penso que aqui é que mora o segredo que pode ser repostado em tantas outras situações onde, pelo contrário, vemos inação e burocracia.

Depois tenho que dizer que agradeço aos meus amigos da equipa de mediação, mas tenho que dizer que havia maturidade no povo moçambicano e na sua classe dirigente. Portanto, a Paz chegou como uma fruta madura. Quando se diz: *“African solutions for African wars”* não é bem assim. Isto é, a Paz foi feita em Roma, mas era africana, era moçambicana, não foi algo que veio de fora, não foi uma Paz europeia que caiu ali. Houve uma capacidade de sintonia com a comunidade moçambicana, com o povo moçambicano, muito profunda.